

O “INFERNO” DE AUGUST STRINDBERG

STRINDBERG, August.
Inferno.
São Paulo: Editora 34, 2009

POR

Maria Teresa Mhereb¹

Em boa hora, na excelente tradução de Ismael Cardim, a Editora 34 republicou no Brasil o “Inferno” de August Strindberg. O autor sueco, que inspirou autores tão conhecidos pelo leitor brasileiro, como Franz Kafka, Antonin Artaud e Walter Benjamin, ocupa, entretanto, lugar mais que discreto na nossa tradição literária. Escrito durante os anos de 1896 e 1897, hoje, a obscura escritura deste alquimista (ou mago?), louco (ou lúcido demais?), desatar este hermético registro literário, implica no inalienável imperativo de fazer emergir sua grave atualidade.

Contemporâneos de um homem de outro lugar do tempo? Entre todas as reviravoltas do século XX, a permanência de certas condições objetivas de existência e formas de subjetividade traz Strindberg como um relâmpago para os nossos dias. Tal permanência é certamente dramática; tanto mais quando capturamos em Strindberg, em sua particularidade histórica, a articulação de um emaranhado confuso e contraditório de idéias e sentimentos como negação e resistência a um mundo que *ainda* nos é imposto.

Ao que tudo indica, embora Strindberg tenha sido contemporâneo de Freud não o conheceu. Pasolini chegou a se perguntar se o destino deste infeliz não teria sido diferente “se” ele tivesse feito sessões de psicanálise. Outros dizem (CARDIM,

¹ Graduada em Ciências Sociais, Universidade Estadual Paulista “Julio de Mesquita Filho”/Araraquara, Brasil. teca111@hotmail.com

2009) que, para o leitor moderno (ou seria “pós-moderno”?), algumas páginas de “Inferno” se apresentarão ultrapassadas, dado que tantas ilusões com relação à ciência há muito vinham sendo desveladas quando Strindberg, “ingenuamente”, se pusera a escrevê-las: “Expliquem isso, médicos, psiquiatras, psicólogos, ou então declarem que a Ciência faliu.” E eis, então, como nosso autor, afinal de contas, apresenta sua visão do mundo que o circunda: “Lutar pela conservação do meu Eu contra todas as influências impostas pela ambição de uma seita ou de um partido, eis o meu dever, o dever que me é ditado pela consciência, que recebi como graça de meus protetores divinos” (p.120). Está aqui contida a clássica concepção gnóstica segundo a qual a verdade da consciência é divina, e que, sendo o divino oculto, tal verdade só pode se manifestar na busca pelo conhecimento do mundo exterior e no mergulho sempre mais profundo na infinitude de si mesmo. Esta concepção percorre toda a tecitura de “Inferno” e situa Strindberg, à sua maneira, no interior da tradição ocultista.

E de sua relação com a tradição ocultista, explícita e repleta de vicissitudes, recebe maior recompensa aquele que é capaz de ver apreendida nela a *história de uma época na história de uma vida*: “Inferno” documenta momentos da *moderna e alucinante* dialética entre sagrado e profano – de E.T.A. Höffmann a Gerhard de Nerval; do Surrealismo a Fernando Pessoa; de Swedenborg a Walter Benjamin. A tradição gnóstica à qual pertence Strindberg (para a qual William Blake é o grande referencial de sua concepção moderna) pode ser entendida, a partir dos românticos, como ver revolta contra a sociedade burguesa-industrial e sua ideologia do progresso. Strindberg confabula produzir ouro, mas se atenta às “funestas conseqüências” de sua fabricação para a humanidade: “Falência universal, desordem geral, anarquia, fim do mundo” (p.140). Perante a insistente negação da realidade de seu tempo, um universo de analogias se abre em auxílio à sua busca pela unidade (rompida) entre sagrado e profano, entre natureza e homem: a “borboleta Caveira” com seu “canto doloroso” revela-se: “É o grito de dor de todos os povos da Terra; o grito da larva queixando-se da amargura da existência” (p.67).

Invocar o sagrado se torna, em determinado momento da história, um recurso (não sem potencial revolucionário, muitas vezes explosivo) para *sobreviver* à vida profana. Quando a burguesia revolucionária tomou o poder em suas mãos, tomou para si também a *História*². A burguesia jurou fazer da

² “A consciência de fazer romper o contínuo da história é própria das classes revolucionárias

Terra o Céu e provar a inexistência de todo misticismo. Mas, como criação que se volta contra o criador, o mundo se transformou, para a maioria dos homens, no verdadeiro *inferno*, na impiedosa e contínua ação das forças do mal. Dolorosa condição de existir, Strindberg solta seu grito de revolta: “Não há dúvida, estou no inferno! E a realidade confirma de maneira tão plausível a minha fantasia que termino por acreditar nela” (p. 142). A consciência histórica adquirida pela burguesia não escaparia de sua dialetização na “visão romântica de mundo”, como *recusa do presente mortificado na fuga para o passado*. Entre todas as configurações que o passado pode assumir nessa perspectiva histórica, ele é o lugar da Unidade entre todas as coisas, o sentido primeiro, autêntico, de todo o Universo.

À quebra dessa Unidade, sua dessacralização pela ciência burguesa, não é sem certa melancolia que o Paraíso surge diante dos olhos dos homens: pensamento místico e mágico na sociedade da razão serão armas numa incessante luta pelo “reencantamento do mundo”. Strindberg relata, a certo momento, o conselho que recebera de um doutor psiquiatra: “Cuidado principalmente com o ocultismo, a ciência que quer passar dos limites. É proibido espionar os segredos do Criador, e aí daqueles que os descobrem” (p. 141). Uma existência vazia exige um sentido: mas porque é moderno, porque estudou, porque é culto, não é possível crer num dos quaisquer sistemas místicos fechados. Então, ele crê em tudo, toma o que lhe cabe, mesmo sabendo que, afinal, isso tudo possa não ser senão nada.

Escrito nos últimos anos do século XIX, não por acaso o “Inferno” de Strindberg se apresenta como misto indecifrável entre forma diário e literatura ficcional: documento literário e espiritual de uma caótica e fragmentária realidade material e objetiva. Em 1855, na mesma França de Strindberg, o jovem Nerval se suicidava pouco depois de registrar estas palavras em seu manuscrito “Aurélia”: “o suicídio é uma dessas consequências fatais para quem já não crê na eternidade”. Nerval precisou erguer sua escritura sobre o impossível da ficção e o delírio mais profundo de um Eu suicida para realizar o sonho de recuperar a própria vida. Quanto ao “Inferno” de Strindberg, a grande cidade de Paris também é o cenário: Paris, a *capital do século XIX*, do mundo moderno, com suas depravações e perversidades. Manias de perseguição, delírios, auto-exílio, melancolia, *spleen* – moderna organização social do trabalho e processo de reificação, o isolamento de todos na multidão, perda do sentido da vida, mergulho na infinitude subjetiva

no instante de sua ação.” (BENJAMIN, 2005, p.123).

incomunicável: um marco-zero no qual tudo isso se encontra e que chamamos Modernidade.

Se o papel do crítico de literatura é, como disse Benjamin, fazer desabrochar seu objeto no presente, para revelá-lo no *tempo-de-agora*, então, é preciso estar atento. A psicologia, com razão e sem dificuldade, encontrará em nosso livro um brilhante material. É preciso, por isso, considerar que o factível de toda loucura é sempre correspondência espiritual da matéria, da exterioridade de uma época. *Crueldade*, no sentido de Artaud, é qualidade daquilo que, despido de todo acessório reconfortante, atinge fundo. Neste “Inferno”, um Strindberg cruelmente sincero lança-nos – a nós, seu alvo maior – as convulsões de seu espírito e de seu tempo: tormentos de um passado que, pungentemente, conseguiu manter-se presente: “Triste sociedade, sombrio futuro diante dos meus olhos” (p.155).

REFERÊNCIAS

BENJAMIN, Walter. “Teses sobre o conceito de História”. In: *Magia e técnica, arte e política*. São Paulo: Brasiliense, 1994.

CARDIM, Ismael. *Prefácio ao Inferno* de August Strindberg. São Paulo: Editora 34, 2009.